

127  
DIRECTOR  
ARMANDO  
VIEIRA  
PINTO

5

*Movimento*

QUINZENARIO  
— CINE —  
MATOGRAFICO

1\$5

**movimento**  
é impresso em papel  
fornecido pela casa

**CRUZ, SOUSA & BARBOSA, Lim.**

**Rua 31 de Janeiro, 165-1.º – Telefone, 2753 – PORTO**

**Sempre em armazem: Papeis  
para revista, livro e jornal.**

**Papeis de escrita, couchés,  
fantazias, embalagem, etc.**

**Cartolinas, papelão, cartão  
madeira, duplex, etc.**



---

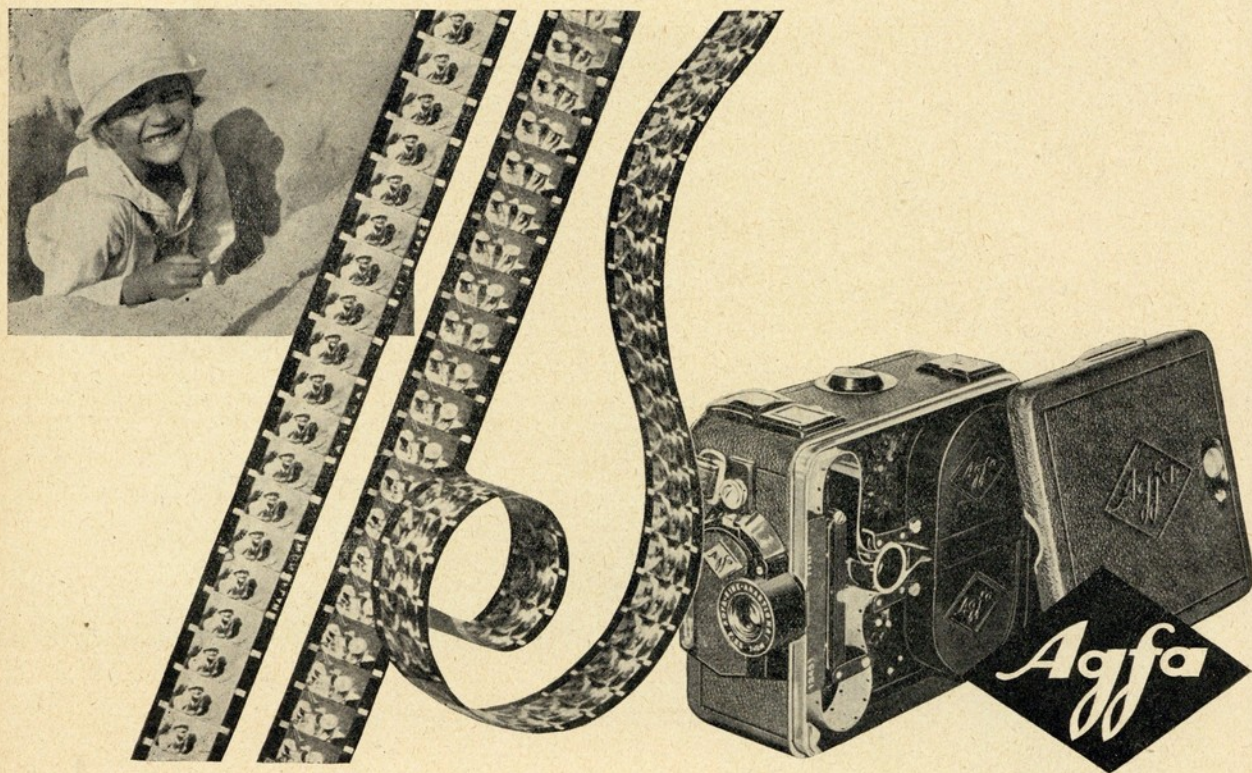
**Mary Carlisle demonstra  
pela comparação dos ta-  
manhos, a importância do  
telefone na vida actual.**

---

# Os Filmes de Crianças

s ã o e n c a n t a d o r e s

Com a AGFA-MOVEX  
todos os podem fazer



Peça um prospecto ao seu fornecedor de artigos AGFA

# À MARGEM DO

---

# DECRETO N.º 22.966

O Diário do Governo, n.º 182-1.ª série, de 14 de Agosto, publica o seguinte Decreto-lei n.º 22.966:

Artigo 1.º — «A Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis-Klangfilme fica isenta durante cinco anos, a contar da data da sua constituição, do pagamento das contribuições predial e industrial, e bem assim dos direitos de importação de maquinismos, aparelhos e materiais necessários ao estabelecimento e exercício da sua indústria.

Artigo 2.º — Para efeitos do pagamento de impostos os espectáculos cinematográficos em que dois terços, pelo menos, do filme sonoro exibido tenham sido produzidos em estúdios nacionais, são equiparados aos espectáculos de declamação.

Artigo 3.º — Os importadores de filmes sonoros estrangeiros ficam obrigados a adquirir, para exibição em Portugal, filmes sonoros produzidos em estúdios nacionais, na metragem que fôr anualmente fixada pelo Governo, em harmonia com as condições da produção e da exibição cinematográficas.

§ único — No primeiro ano, a começar em 1 de Outubro, a fixação a que se refere este artigo será feita pela Inspecção Geral dos Espectáculos mas não poderá exceder 600 metros de filme português por cada 9.000 metros de filme importado.

Publique-se e cumpra-se como nêle se contém».

\* \* \*

Em Portugal já houve, há anos, uma indústria cinematográfica. Foi no tempo da *Invicta-Filme* e das outras empresas que, nessa época e por um curto período, floresceram a par da notável actividade do pequeno estúdio português. Mas tudo isso morreu. São coisas que já vão longe...

De então para cá, o cinema português andou aos encontros da sorte. E, apesar da meia dúzia de filmes que se produziu nesta última meia dúzia de anos, pode afirmar-se que não havia cinema em Portugal. Tudo o que se fez foram tentativas ou aventuras, isoladas, perdidas, sem possibilidades de ressuscitar uma pobre indústria, morta ao nascer e que parecia ser insustentável no nosso país.

Durante estes últimos seis anos, diversas vezes se pediu que o Governo criasse uma lei de protecção ao cinema português. Nunca foram atendidos tais pedidos e boas razões teve sempre o Governo, porque nada justificaria a protecção e o amparo oficiais a uma indústria... inexistente...

De mais a mais quando todos os projectos e todas as sugestões que se apresentavam do Estado podiam não passar (como não passariam, certamente) dum jôgo para engodar aventureiros...

No ano findo formou-se em Lisboa a Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis-Klangfilme. Montou-se um estúdio, importou-se todo o material necessário para a realização de filmes sonoros e começou-se trabalhando. Estava criada uma indústria nova em Portugal. Era a altura propícia de solicitar do Estado a ajuda merecida. E o Estado concedeu essa ajuda, publicando, há dias o decreto-lei n.º 22.966, que leram acima.

Claro que, tendo sido a Tobis Portuguesa que conseguiu esse decreto, êle saiu à sua feição. Mas, ainda que reconhecendo à Tobis Portuguesa, como iniciadora duma nova indústria, o direito a garantias e protecções especiais, porque arriscou interesses e abriu caminho, eu penso que o Governo devia ter previsto a criação de novas empresas nacionais produtoras de filmes sonoros e para elas reservar desde já idênticas garantias de protecção.

Evitar-se-ia, assim, a concessão dum monopólio.

Faço ainda outro reparo. O artigo 3.º, do Decreto 22.966, fixa um contingente de filmes nacionais a exhibir obrigatoriamente em relação aos filmes estrangeiros importados. Este contingente facilita e garante a colocação da produção portuguesa no nosso mercado, mas tem um inconveniente em que é preciso cuidar. Sendo as empresas distribuidoras obrigadas a colocar uma certa percentagem de filmes nacionais, que aumentará em relação directa com o aumento de produção nacional, a qualidade dessa produção pode ver-se sujeita ao aumento de quantidade e, neste caso, caminhar em direcção inversa. E, se isto se der, a protecção que oferece o artigo 3.º será contra-producente sob o ponto de vista artístico, que é, para o público e para nós, o que mais interessa...

À parte estas ligeiras considerações e como só o artigo 1.º do Decreto 22.966 se refere em particular à Tobis, podendo qualquer outra empresa nacional aproveitar os benefícios criados pelos artigos 2.º e 3.º, porque êsses artigos devem tornar-se extensivos a quaisquer filmes sonoros de origem portuguesa, o Governo só merece os aplausos de todos aqueles que se interessam pelo desenvolvimento do cinema nacional e, portanto, os nossos aplausos.

A protecção ao filme português, tal qual foi agora oferecida pelo Estado, é a única protecção que se nos afigura inteligente e proveitosa.

E tem ainda outra qualidade: veio na altura precisa.

---

a l v e s c o s t a

---

# MILAGRE

Uma das nossas leitoras escreveu, ha dias, pedindo ao meu camarada Alexandre de Médicis, que deixasse em silêncio o nome de Rodolfo Valentino.

A glória é passageira e os homens esquecidos. A frase «os mortos passam» é uma frase amarga mas é uma frase verdadeira. De resto, estas duas qualidades andam quási sempre uma a par da outra.

Ora esta própria particularidade que possui a glória de ser efêmera, e que possui a saúde, de ser inconsistente, torna infinitamente valiosa a duração que caracteriza, de um modo excepcionalíssimo, a glória de Rodolfo e a saúde que continua mantendo-se, viva e presente no coração dos seus admiradores, que formam legião.

Saúde extraordinária esta, diferente de tódas as saúdes!

Rudy, parece ter deixado milhões de viúvas! Anos depois da sua morte realizam-se missas, às centenas, em sufrágio da sua alma e ha quem se ajoelhe deante dos seus retratos como diante da effigie de um santo!

O mais extraordinário desta saúde que é uma autêntica religião, com os seus ritos, as suas cerimónias, as suas orações, é que não pode ser explicada com um simples encolher de ombros e a palavra psiquiatria.

Porque, se se tratasse de loucos — o que não é verdade — como se explicaria que Rudy o tivesse conduzido à loucura e aí os mantivesse, depois de morto?

De resto, sendo a saúde um sentimento estritamente da alma e do coração, áqueles admiradores de Rudy que se contentam com missas, ha a juntar áqueles outros que vão mais longe e subvencionam hospitais, distraem doentes, sustentam crianças abandonadas, «in nomine Rudolphi Valentini». Tinha a nossa gentilissima leitora conhecimento de que existe, em Londres uma «Valentino's Association» cujos membros, perfeitamente são de espirito e conscientes dos seus actos não têm outro fim que não seja a beneficência? Aqui ficam algumas passagens do seu último relatório traduzido de um jornal inglês:

*\* O movimento abaixo descrito começou aos 23 de Agosto de 1927 e deve-se aos numerosos pedidos de pessoas que desejavam honrar e perpetuar a memória do grande actor morto, por um modo que êle próprio aprovaria, se fôsse vivo — não, portanto, como «Ídolo» coisa que o horrorisava, mas como artista que fez conscientemente e com alegria um grande número de sacrificios pessoais para guardar, manter e melhorar o seu ideal.*

*Consideramos que êsse fim pode atingir-se de dois modos diferentes:*

a) *Manter, continuamente os pedidos de exhibição dos seus filmes, conseguindo, dêste modo que êles passem a tempos nos ecrans. Os esforços feitos nesse sentido têm sido coroados de êxito, e tanto assim que vários cinemas importantes de Londres e da provincia deram semanas comemorativas.*

b) *Criando em tódas as partes do mundo em que a nossa associação possua sucursais, obras duráveis e úteis semelhantes áquela de que nós próprios nos ocupamos, em Londres.*

*Em memória da generosidade de Valentino para os necessitados, esta associação interessa-se particularmente pelo Hospital Italiano de Londres, instituição admirável que socorre doentes de tódas as nacionalidades. Todos os anos, pelo Natal, oferecemos uma árvore e presentes aos doentes, e organizamos um espectáculo com o concurso de todos os actores cinematográficos de Londres. O hospital recebe o nosso auxilio financeiro durante todo o ano.*

*Flores e brinquedos são igualmente distribuidos por nós aos outros hospitais de Londres, sendo regularmente enviados artigos de vestuário ás casas de socôrro, em recordação dos dias em que Rodolfo não tinha amigos nem dinheiro.*

*Os empregados da nossa Associação não recebem salário.*

*As attitudes incompreensíveis e muitas vezes históricas de certos admiradores de Valentino fizeram muito mal á sua memória, esperando nós, confiadamente, que nenhum comentário desagradável seja formulado ácerca da «Valentino's Association».*

Aqui tem a nossa desconhecida e gentil correspondente. Não se trata, positivamente de malucos dedicando-se a qualquer marmelada místico-exótica, mas sim de pessoas sensatas que se reúnem para obras de caridade em memória de um actor, com o mesmo direito e pela mesmíssima razão com que se pratica o bem em memória dum cientista, dum herói ou de um santo.

Isto mesmo torna a influencia póstuma de Rudy mais misteriosa e mais extranha. Agora quem quizer resolva o problema, aliás curiosissimo.

Por mim, parece-me bem que nenhuma hipótese será satisfatória em absoluto. E de certo, existe apenas esta coisa extraordinária: a glória de Valentino foi grande e não foi efêmera o que é quási um paradoxo.

armando vieira pinto



E S T U D O  
de Francisco Viana admitido ao  
Salão Internacional de Arte  
Fotográfica de Cannes.



NA ———  
FILMAGEM  
DO ———  
PRIMO  
BAZILIO

AMÉLIA REY COLAÇO, ARTISTA E SENHORA

---

Não sei há quantos anos isto foi, (a noção do tempo para mim está naquelas frases do velho padre que Nico, uma das personagens do «Temps est un songe», conheceu em Madras) por isso, como se fôsse hoje eu conto êste episódio curto, em nada parecido com as fitas em série, antes e pelo contrário igual e semelhante áqueles promenores fugidios por vezes topados em certos filmes e que são a pedra de toque do valor rial duma produção realizada com arte, com inteligência e com verdade.

Êste caso deu-se quando eu ainda, nem por sonhos, pensava em escrever para uma revista de cinema — e creio bem até que nessa data não existia em Portugal uma revista com a importancia cinematográfica das de agora.

Um dia — passeando — fui de longada até muito perto dos studios da Inivicta Filme. Avistava-se o edificio como se fôsse uma estufa monstra. Lembrei-me, então, que deveriam estar filmando o Primo Basilio, pois a notícia correra célere e não havia ninguém no Pôrto que de tal não soubesse. A curiosidade espicaçou-me.

---



---

Uma ideia atravessa-me o cérebro, rápida como fogacho de vaga lume. ¿E se eu fôsse vêr? Mas vêr o que?

Decerto o acêso era difícil, senão impossível. Mas «vêr de longe» já era para mim alguma coisa. Fui aproximando-me.

Da entrada aos terrenos circundantes nem viva alma. À primeira impressão supuz, pelas aparências, um feriado ou uma filmagem de exteriores.

Contudo, fui avançando sempre, confiado em vêr alguém ou encontrar porta milagrosa por onde pudesse certificar-me; mas as portas estavam fechadas. De gente, nem sombra. De ruídos, nem o mais leve som. E naquele descampado do Carvalhido, ali em frente daquela casa que parecia desconjuntada ou vítima de incêndio, de fachada em fachada, escutando às portas, tentando vêr através dos vidros fôscos, rondei.

Eu já tinha nessa altura, como hoje tenho, uma paixão doida pelo teatro e uma paixão também doida pelo cinema. Considerava (como considero) Amélia Rey Colaço a artista mais inteligente da cêna portuguesa.

E todo o meu desejo seria vêr como interpretaria Rey Colaço a figura de Luisa.

Procurando, pesquisando, — diga-se em abôno da verdade — já sem muita fé, estabeleci o meu deambólio pelo estúdio do Carvalhido. Prestes a desistir, espreito, por uma rasgagem dum vidro fôsko, lá para dentro.

Não vi filmar, mas vi — e a cêna nunca mais se apagou da minha memória — Amélia Rey Colaço, um artista do qual não recordo o nome e um realizador. Exultei. Cautelosamente, naquele esplendido pôsto de observação, começo a analisar. A pequena distancia da grande janela, sentada sôbre uma mesa, a perna em cruz, com um vestido que depois reconheci ser o mesmo quando da exhibição do filme — Amélia Rey Colaço, com o braço direito apoiado à cintura e a mão esquerda junto à face, numa atitude concentrada, ouvia o realizador que de papel na mão explicava e lia de pé.

Enquanto ali estive, — um quarto de hora, vinte minutos? — Rey Colaço não teve um gesto, não disse uma frase. Por vezes havia um intervalo, uma paragem, mas só o realizador falava e Rey Colaço ouvia no seu mutismo. E eu fui-me embora.

E sabem porquê? Entristeci-me.

Rialmente — e isto sem exagêro — sai de lá entristecido, descoroçoado, com pêne. Uma má interpretação da minha parte? Não sei; o certo é ter sentido assim, ter visto assim, observado assim como passo a contar.

De todo aquele cenário, uma convicção se levantava diante dos meus olhos: a de que Amélia Rey Colaço ouvia contrariada as explicações, seqüência do desenrolar do argumento exposto pelo realizador.

Pareceu-me, olhando a postura escolhida pela artista, vêr um mal contido desêjo pronto em afirmar: «eu sei o que o senhor quer que eu faça e nisso não vejo dificuldade alguma; mas sei também que tudo quanto o senhor me diz não está certo, não deve ser assim».

Isto pensava eu olhando através da larga ranhura daquele vidro fôsko, vendo o ensaio bem cinematográfico daquela tarde longínqua no estúdio do Carvalhido, sorvendo toda aquela cêna histórica entre uma artista de nome feito e um realizador que queria ter nome.

Mas eu pensava mais: que Amélia Rey Colaço reconhecendo ao ouvir as explicações, a insuficiência de tudo aquilo, reconhecia também ela própria a sua insuficiência por não saber como seria a noya técnica.

Do seu jôgo fisionómico a querer viver a personagem a interpretar — talvez isso a salvasse do precipício — ressaltava a pouca confiança no caminho indicado. E na sua expressão havia uma sentença cruel: «ninguém me sabe ensinar o verdadeiro caminho».

Por isso me retirei descoroçoado, entristecido, após vinte minutos — suponho — de observação, de devoção.

E se agora — passados tantos anos — recordo êsse instante, é porque êle ficou na minha lembrança como a saüdade de certos brinquedos que em miudos nos deliciavam, nos entusiasmvavam e depois a gente despresava sem saber porquê.

E o mal é saber-mo-lo, hoje....

---

a l e x a n d r e   d e   m é d i c i s

---



# O SUCESSO DA SEVERA

Quando «A Severa» se exibiu, houve muito quem lhe notasse defeitos, com maior ou menor ausência de razão e com maior ou menor ausência de argumentos.

No fundo, a impulsionar os críticos-amadores — quando acabará esta luzitaníssima pecha do amatorismo? — havia apenas uma causa, uma razão e uma verdade: o velho hábito de achar mau tudo quanto é nosso e de achar estupendo tudo quanto é dos outros.

Foi talvez contra essa velha tãra que não é apenas portuguesa mas até fundamentalmente humana, que se considerou necessária entre as mais necessárias das coisas que constituem a perfeição da alma católica — o que não é, de modo nenhum, a perfeição absoluta, muito pelo contrário — esta qualidade bela como todos os impossíveis: «não cubiçar as coisas alheias».

Mas, no momento da sua estreia, tratou-se de evidenciar os alguns defeitos que na «Severa» existem, tratou-se, mesmo, de lhe inventar alguns que não possui, e esqueceu-se deploravelmente de lhe notar as qualidades que são grandes e que são muitas.

Os factos encarregaram-se de combater os argumentos.

Chega-nos agora do Brazil — e honra-nos pela admiração que temos por Leitão de Barros, e por várias razões particulares, ser os primeiros a falar no caso — esta fotografia.

Conjuntamente, chegam-nos recortes de vários jornais do Rio de Janeiro.

De um deles transcrevemos estes períodos, pela sua expressão iniludível:

«A verdade é que não houve, nestes últimos anos, outra película que representasse um êxito tam completo de bilheteira. Domingo, seu último dia de exibição, verificou-se um acontecimento inédito e surpreendente. Milhares de pessoas se acumularam disputando lugares na bilheteira do Odeon que começava as sessões às 10 da manhã. A direcção da Companhia Brasileira de Cinemas, exgotada a capacidade do Odeon, resolveu exhibir «A Severa» também no Império. E, por deferência da Metro-Goldwin-Mayer conseguiu dar também duas sessões no Palácio, cuja lotação, de dois mil lugares, ficou completamente exgotada. Depois da quarta semana de exibição, «A Severa» ainda foi o grande acontecimento do dia, exgotando os três maiores cinemas da cidade. E a terminar:

«Esta crónica é, apenas, o registo do grande acontecimento do ano: os récords que «A Severa» quebrou, sem grandes «casts», sem directores de nome complicado e sem o preconceito do «made in Hollywood».

Depois disto qualquer filme português pode ir, confiadamente ao Brazil. Foi êste o milagre dos muitos defeitos e das nenhuma qualidades de «A Severa». E o que é tristemente doloroso é ter-se de ante-mão a amarga certeza de que estas palavras de justiça, há-de haver muito quem as pense, mas infinitamente menos quem as diga.

armando vieira pinto

# VALA COMUM

---

ATENÇÃO, CINÉFILOS E RADÍO-FILOS! Vamos dar-vos uma novidade que certamente vos encherá de alegria.

«Movimento» a convite do pòsto radio-emissor da Casa Forte, C. S. 1 — C. F., vai organizar uma série de conferências culturais sòbre cinema.

Tòdas as segundas-feiras, durante doze semanas consecutivas, um dos nossos redactores dirá ao microfone daquêle pòsto, uma pequena palestra.

A primeira radiodifundida na passada 2.<sup>a</sup> feira foi feita pelo nosso camarada Alves Costa, que falou sòbre «Cinema Nacional».

A segunda conferência será feita na próxima segunda-feira, dia 4 de Setembro, por Fernando Barros e terá por tema «A nova teoria da juventude».

Com esta iniciativa absolutamente inédita em Portugal, «Movimento» demonstra simultâneamente a sua crescente vitalidade, justifica o seu nome e segue em linha recta o seu programa de encarar o cinema como êle deve ser encarado, isto é: pelo seu lado artístico e cultural.

\*

Varios leitores nos têm escrito manifestando o seu desejo de que «Movimento» seja uma revista dedicada exclusivamente ao cinema. As opiniões daqueles que nos leram sempre e que, assim o esperamos, continuarão a acompanhar a nossa revista no futuro, são sempre dignas de consideração.

Estudamos pois o pedido que nos fôra feito, e resolvemos aceder a êle, mau grado os prejuizos materiais que nos possa trazer esta concordância. Esperamos deste modo ter demonstrado mais uma vez o apreço que nos merecem todos aqueles que se portam bem para comnòsco.

\*

Cumpre-nos agradecer ao Sr. Abilio Cunha, proprietário do pòsto emissor C. T. 1-B. O. da «Hertziana Lda.» de

Lisboa, as palavras amigas que acerca do «Movimento», radiou na noite de 11 de Agosto passado.

\*

Por gralha a última frase do artigo do nosso camarada Alexandre de Médicis saiu diferente do original. Em lugar de ler-se: «e o mal é saber-mo-lo hoje.....» deve ler-se: «e o mal é hoje saber-mos.....».

Com as nossas desculpas ao camarada ilustre e velho amigo aqui fica a necessária retificação.

\*

Igualmente devemos agradecimento pelo envio de publicações a: Cinématographie Française, de Paris; Ciné-Arte, de Bilbao; Imagem e Cinéfilo de Lisboa; e Civilização, Maria Rita e Cinema (actualmente suspenso) desta cidade.

\*

Como no passado numero dissemos acaba de ser legalizado e organizado o Sindicato Nacional dos Profissionais do Cinema.

Esperamos da sua Comissão Administrativa tudo aquilo que é necessário fazer-se e que, estamos certos, ha-de fazer-se. Esta Comissão é constituída pelos senhores: Manuel de Albuquerque, Anibal Contreiras, Orestes Fontes, Artur Duarte e Alfredo Gomes.

\*

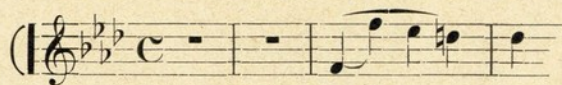
Pergunta-nos um cinéfilo, com a sua — exagerada ou louvável? — curiosidade a quem foi dedicada a canção do nosso último número. É difficil responder. Há dois pretendentes a ela: Jean Howard e um maravilhoso Grand Danois, ambos da Metro-Goldwin-Mayer. O autor da canção recusa-se a dizer mais.

Vários leitores e assinantes de «Movimento» nos têm pedido cadernetas e sêlos para o concurso que organizamos de acòrdo com o São João-Cine. Não nos foi possível satisfazer êsses pedidos pela simples razão de que as cadernetas e os sêlos se exgotaram.

Mas resolvemos, para contentar os nossos leitores publicar, no nosso próximo número, uma página destinada a substituir as cadernetas, e outra página com todos os sêlos necessários ao concurso.

# MEMÓRIA

---



aziagos violinos  
miserandos  
soluçam Massenet,  
em bandos  
de saltimbancos  
franzinos  
que foram de zarcão  
por fóra  
e são  
agora  
todos brandos  
e brancos  
como as arcadas dos violinos.....)

E ainda  
aí és sombra evocada  
¡pobre «Manon»!  
e linda,  
sem pó de arrós, sem baton,  
sem nada,  
coisa nenhuma,  
como quem fosse  
de Ofélia,  
branca e dôce  
amortalhada  
entre flores de camélia  
e o «flou» da bruma  
esfumada.....

Estás preza  
mas não te importes,  
longinquíssima Princeza:  
que não há Brazil, nem mortes  
nem maré de lua-cheia  
que sopra a candeia  
aceza  
luzindo na alma dos poetas  
— naus que perderam os nortes..... —

.....Sempre houve Naus-Catrinetas,  
marujos que deitam sortes.....

Nem tenhas pena  
que o tempo leve depressa  
e esqueça  
tua tranqüila cabeça  
meiga pequena!

---

E eu te direi num relance  
que mal te roce  
o cabelo,  
o recadinho mais doce,  
mais belo,  
o mais bonito romance  
que inda ouviste.....  
(mas olha: não vás dizê-lo,  
que pode amuar, mais triste  
a pobre da Claude France.....)  
Há um album de lembrança  
onde também  
existia  
(e era só dizer: escólha)  
a ingénua fotografia  
de teus olhos de criança,  
da tua trança  
macia.....



Pois olha  
bem:  
vai um dia,  
levou um sumiço  
a fólha  
onde o teu rôsto vivia  
no terno  
caderno  
aberto.....

Mas por isso  
não vás ficar triste, Lya:  
.....que alguém a guardou, por certo.....

celestino gomes

---

# A "I. F. 1 NÃO RESPONDE" VAI SER REEXIBIDA

Quando vi, pela primeira vez a «I. F. 1 não responde» pensei imediatamente estar ali um filme especialmente destinado a fazer sucesso em reexibições.

Isto pode parecer extraordinário, mas é assim mesmo. E senão vejamos: há, no argumento da «I. F. 1» muitas coisas boas e muitas coisas infantilmente inconsistentes, há, na sua realização, coi-



sas excelentes e coisas simplesmente mediocres. Mas de um modo geral, o filme é bom, mesmo tomado em absoluto. Porque, se pretendermos julgar do seu valôr comparativamente, então o filme passará a ser muito bom, menos pelos seus méritos próprios do que pela circunstância exterior de ter sido apresentado numa época cinematográfica de escassíssimos sucessos merecidos.

Em resumo, a «I. F. 1 não responde» é um filme para maiorias com muita coisa para a minoria.

E a não ter sido a publicidade exagerada que se lhe fez, o filme teria feito um sucesso muito maior. Chama-

ram-lhe «super-produção» chamaram-lhe «coisa extraordinária» chamaram-lhe «assombro dos assombros» chamaram-lhe, enfim, várias coisas descabidas e imbecis. E, por um caso absolutamente esporádico de justiça, a asneira caiu sôbre a cabeça de quem a praticou.

Ora isto é tanto mais justo quanto é mais raro.

O caso agora muda de figura. Não se trata de um filme para que valha a pena fazer grandes despesas publicitárias.

Disse-se, sôbre «I. F. 1 não responde» tudo, ou quási tudo.



Não se trata de uma estreia, mas de uma reexibição.

Não vale a pena, agora, comprar jornalistas para dizer baboseiras e arrepiar bárbaramente aqueles que conhecem um bocadinho de português, possuem uma certa cultura geral, algum bom gosto e dizem apenas aquilo que pensam. E quem vai lucrar com isso é, no fim de contas o filme, porque, na realidade, desde que a gente não esteja de antemão à espera de cair beatamente de cócoras, acha com muitíssima razão ter assistido a uma obra cinematográfica perfeitamente visível e sinceramente louvável.

Daqui o ser naturalíssimo que a «I. F. 1» faça agora um sucesso maior do que fez a quando da sua estreia.

Este filme foi o primeiro em que vi Charles Boyer—a «Traição» e a versão francesa do «Presídio» vi-as depois, em reexibição—e basta isso para nunca mais poder esquecer-me. Confesso: eu sou um tanto difícil nas minhas admirações. Mas Charles Boyer conquistou-me por completo, de um modo imediato e fulminante. E embora, criticamente eu considere maior o seu trabalho em «Trai-

ção» — único filme em que vi a Florelle fazer qualquer coisa de razoável—a interpretação do seu Elissen ficou para sempre na minha memória—como qualquer coisa de inexcédível.

Charles Boyer consegue, na «I. F. 1» várias coisas prodigiosas: é másculo e não é brutal; é elegante e não é efeminado; é infeliz e não é comovente, nem ridículo; é perfeitamente expressivo sem ser exuberante, e consegue, acima de tudo, esta coisa entre tódas difícil: é complexo e vário sem deixar de ser simples.

Depois de «I. F. 1» vi, como digo, «Traição» que considero o seu maior trabalho; vi a versão francesa do «Presídio» que não conseguiu fazer-me esquecer quer a versão americana, quer, mesmo, a espanhola; vi a «Imperatriz e Eu»; vi, enfim, vários trabalhos seus—suponho que mais nenhum se exibiu em Portugal—e a minha admiração não aumentou nem diminuiu: manteve-se.

Esta é a melhor prova de que ela é sincera e de que é merecida.

# O ELOGIO DOS DOCUMENTÁRIOS E DAS CULTURAIS

---

Em nenhum outro género de filmes, como no documentário e no cultural, se podem encontrar conjugadas, tão frequentemente, as três qualidades dominantes do Cinema — arte, espectáculo e agente de cultura. De facto, essas curtas bobinas que constituem a primeira parte dos programas das nossas salas, encerram beleza, divertimento e ensinamentos em tal dose que ofuscam (nem para todos, infelizmente) idênticas qualidades que o filme de fundo porventura possua.

Muitos dos mais belos quadros que o Cinema tem revelado aos nossos olhos, encontram-se espalhados por dezenas de documentários em que o público cinéfilo português não atentou sequer, a antegosar as atitudes, muito bem estudadas, com que a Greta Garbo o convenceria da sua irresistibilidade, ou as gracinhas do Chevalier, que iria ouvir quando «aquilo» acabasse.

Esse público ainda hoje se recorda, a sorrir deleitado, do «Mais oh! cette Mitzi.....»; em compensação esqueceu por completo o admirável «Casamento na aldeia» e pateou em noites consecutivas, no mais bem frequentado cinema do Porto, essa outra maravilha de bom gosto artístico que se chama «Pedras Sagradas»!.....

Esta última atitude teria desculpa na sala de espectáculos de qualquer vilória transmontana; tomada por pessoas que se dizem a «élite», numa cidade que se ufana de civilizada, faz-nos rir dessa pretensa «élite» e duvidar muitíssimo da civilização que por cá se afirma haver. Pessoalmente entendo que no cinema, como no teatro, o público tem o direito, tem mesmo o dever de manifestar o seu agrado ou o seu desgosto perante o espectáculo que pagou. Mas antes de fazer uma ou outra coisa precisa de ter o que baste de inteligência para poder distinguir o bom do mau; os que não estão neste caso faziam muito melhor se deixassem as mãos ou os pés quietos e se limitassem a ficar contentes gostando, ou a abandonar o seu lugar não gostando.....

Como espectáculo (e dou a este termo a significação de tudo o que distrai a vista, agradando-lhe) os documentários são dos filmes que, sob este aspecto, mais inteiramente me satisfazem. A variedade de paisagens que nos mostram, os novos costumes que nos revelam, as profissões ignoradas e distantes que trazem ao seio da nossa civilização e do nosso viver, julgo serem assuntos de maior interesse e agrado visual do que as histórias de adultériozinhos escandalosos ou de pieguices lamechas, que as grandes firmas produtoras d'Áquém e Além Atlântico nos fazem ver com uma assiduidade muito maior que a desejada.

A série curiosíssima de documentários sobre o Oriente que a Ufa nos deu na época passada, aqueles que vimos de sports atléticos filmados pelos operadores da Metro, os «Tapetes Mágicos» da Fox — tudo isso vale para mim muito mais do que 70 o/o da grande produção alemã, francesa e americana, geralmente ôca, estúpida e monótona.

Gostosamente abro aqui um parêntesis: um dos «Tapetes Mágicos», de que acima falei, tinha por assunto a pesca da baleia por um barco japonês; um dos poucos documentários portugueses bons que me foi dado ver desde Outubro passado, abordava o mesmo tema, filmado ao largo de Mossamedes, para onde as correntes frias vindas do sul arrastam os gigantes cetáceos. Em competência com a interessante produção da Fox, o filmezinho português adquiria nítida vantagem. Infelizmente, destes casos é o único que conheço.

Hoje ninguém poderá negar ao Cinema a sua força educativa, e eu lamento apenas que entre nós ela não tenha sido ainda aproveitada como podia e devia. As nossas escolas continuam a não ter filmes que exhibir, embora algumas possuam aparelho de projecção. A maioria nem isso. Também para o que estão servindo.....

E, no entanto, quantas aborrecidas lições de mestres se poderiam dispensar, se na «cátedra» pontificasse o Prof. Cinema, como diz cá o mano.....

Leitores: ajudem-me a pedir aos senhores exibidores que na próxima época não apresentem apenas uma «Vida das Ervilhas», uma «Rorela», uma «Vida da Aranha». A Ufa, a British, a Fox possuem secções culturais que nós quasi desconhecemos e que nos interessam imenso, não é verdade, leitores?

Ou vocês também não gostam?.....

---

a l e x a n d r e s e r p a

---

# MENINAS! É IDIOTA GOSTAR DO HENRY GARAT



---

Uma rapariga a falar de cinema é quasi sempre uma coisa afiltiva.

Acreditem: eu, quando não posso evitar uma conversa dessas, fico doente.

É que, dum modo geral, as raparigas que vão ao cinema não trazem de lá mais do que uma melodia no ouvido, o projecto duma toilette, certa inclinação para vampe ou uma paixão por qualquer galã. O último caso é, sem dúvida, o mais ridículo.

Vocês não imaginam a confusão que me faz ver uma rapariguinha alimentar uma paixão cavernosa e doentia por uma projecção de luz e sombra que é um instante na tela.

E o pior, é que depois não deixam de nos seringar os ouvidos:

— O quê? Você não gosta do Ramon Novarro?... não?... parece impossível!

E é isto!

O unico aspecto interessante dèste facto quasi social é podermos fazer um estudo psicológico das raparigas segundo as suas preferências pelos galãs.

Assim, eu conheço certa jòvem de vinte anos, educada no estrangeiro e bastante viajada, que suspira anciosamente pelo Clark Gable. Diz que não lhe interessam os homens bonitos. Queriam um rapaz no género de Gable—já que o próprio é impossível—anguloso, feio, com tendências para a bofetada, rispido e a entornar «sex-appeal».

Como esta, há imensas e podemos com elas formar uma categoria: a das que já passaram — ou pretendem ter passado — o período do romantismo agudo e que olham para a vida como para um problema resolvido.

Outra categoria, será a das «amorosas musicais», que devem têr por ídolos o Mojica, o Dennis King, o Chevalier, etc.

Com música, sempre é outra coisa...

E muitas outras categorias se conseguiriam com facilidade: a das sonhadóras, a das desportivas, etc., etc.; poderíamos fazer sub-divisões, desenhar esquemas, catalogar desta forma quasi todas as raparigas portuguesas.

E tudo isto é dum ridículo fantástico que é preciso combater.

Para isso eu escolhi como símbolo Henry Garat, por sêr dos actores mais populares aquele que tem menos valôr—ou melhor: que não tem nenhum valôr—e por possuir uma das mais completas caras de parvo que eu conheço.

E preciso que vocês, raparigas que lêem o «Movimento», se vão civilizando e se desfaçam dessa camada de coisas ridículas em que estão submersas.

Quando eu digo: é idiota gostar do Henry Garat, é o mesmo que dizer: raparigas, não sejam palermas!

Deixem-se dessas paixões possidónias e vão para a Foz tomar banho, de braço dado com um «boy-friend» simpático.

E quando quizerem chamar estúpida a uma amiga, digam a toda a gente: não sabem? fulana gosta imenso do Henry Garat...

PARECE QUE É PARVO...

---

f e r n a n d o   b a r r o s

---



# CANÇÃO DE LISBOA

---

Está quasi terminada a primeira produção da Tobis Portuguesa.

Sinto-me satisfeito por tudo: por ter cinema português sem ser realizado à laia de aventura, pelo argumento que escolheram e por ser quem é a gente que trabalha no filme.

Por ser quem é — repito. Por ser um grupo de Artistas desempoeirados, inteligentes, cultos, camaradas, optimistas, empreendedores.... (o leitor pode, por sua conta e risco, acrescentar mais uma boa meia dúzia de predicados sem perigo de exagerar).

Felicito o Cotinelli pelo assunto que arranjou e a Tobis pelo homem que escolheu. Ambos deram no vinte. Seria absurdo fazer um primeiro filme «para os raros». Era mesmo difficil, senão impossivel, porque faltava a experiência necessária e.... encravava-se uma empresa. Assim a «Canção de Lisboa» vai agradar a todos, mesmo aos raros, pois tem imensas cenas de que estes vão gostar a valêr.

Filmaram-se novamente no Jardim Zoológico algumas cenas. O calor tem sido prejudicial. Aqui há dias o Vasco Santana ia tendo uma síncope tal era a temperatura. Coitado, o simpático Vasco — que não se pode dizer que seja magro — com este calor e com umas corridinhas à procura das «titis» viu-se atrapalhado. O que vale é ele reagir com facilidade. Também está rodeado duns cavalheiros que o não deixavam desanimar mesmo que quizesse.

Eu ao pé dos da Tobis faço sempre figura de parvo. Palavrinha. É que andam constantemente a berrar pelo Telmo, e eu como também sou Telmo, ando constantemente a olhar para todos a ver o que me querem. Mas quando na realidade chamam por mim nunca olho, julgo que é com o Cotinelli. Faço então papel de surdo e de malcriado.

As cenas em que ultimamente se tem trabalhado e se trabalha são, além das do Jardim Zoológico, em Cintra com a Beatriz e com o Vasco, no Rocio e na Estação também com ele, a «tia Perpétua» e a «tia Efigénia» e no arraial, em que entram quasi todos os intérpretes, incluindo neste «quasi todos» as chamadas meninas da Tobis ou Tobistas, que são uns amorsinhos como vocês sabem. Esta cena é filmada de noite e deve resultar de grande efeito. Assiste-se à entrada no arraial de duas marchas. As ornamentações são a rigôr, cheias de ingenuidade e pitoresco, com palmas, balões, e franjas de papel, dizendo o Cotinelli com muita graça, que as franjas são uma homenagem à Beatriz.

A «Canção de Lisboa está pronta, pode dizer-se; é pois o último artigo-noticiário e é nele que quero dar um hurra a Portugal, ao Cotinelli, à Tobis, e colaboradores e intérpretes do seu «primeiro filme».

*Todos os colaboradores de «Movimento têm absoluto direito de possuir uma opinião, mesmo quando em desacôrdo com os seus camaradas, entendendo a Direcção, que por uma questão de principios, não deve inutilisar ou modificar essa opinião.*

---

t e l m o f e l g u e i r a s

---



E M P O R T U G A L J Á S E B E I J A A S S I M

Foto do fonofilm:  
GADO BRAVO do  
Bloco H. da Gosta,  
a exibir muito bre-  
vemente no São  
João-Cine.

# 39° À — SOMBRA



Uf!

Só o Polo, meninos, mesmo o Polo de Frio em Verkhoiansk com 50 e 60 graus abaixo de zero — ao sol, ou o «tjale» na Lapónia com terra gelada até à profundidade de cem metros! O Ártico e o Antártico, Spitzberg ou a Terra de Fôgo «onde se morre de frio», e enfim os mais imediatos «alentours» dos 90° de latitude!

Como foram felizes os Amundsens e os Scotts que ao menos puderam morrer à sua frescalhota no verdadeiro frigorífico dos gélos inamovíveis e eternos!

Vocês desculpem o desabafo, mas só em pirolitos, em gazozas, em laranjadas, em cervejas, em carapinhadas, em sorvêtes, em «esquimaux», em gelados, esgotou-se-me o orçamento incluindo as receitas extraordinárias para o «superavit». Por isso eu pedi ao Armando esta página para aqui fazer o mais veemente e cineástico apêlo ao nudismo e ao marismo. Tem pele de crocodilo..... a leste da ilha de Bornéu, quem ainda não compreendeu a necessidade imperiosa da sua prática, quando a não ataca em artigos de muitíssimo fundo, sacrificando a moral ao contacto com as emanções cutâneas e correlativo convívio olfativo. Depois, não é certo que, para Levy-Bruhl por exemplo, a moral não passa da ciência ou até da física dos costumes? E não há costumes tão diferentes como para nós estranhos e torpes? Para quê, evocar a moral, se já o velho Garcia de Rezende proclamava:

Se morre pai ou irmão  
Ou filho são logo assados  
E comidos com paixão  
Dos parentes mais chegados.  
Isto se faz no Sião.

Ai, as salsas ondas, filhos, que refrigério!

É preciso termos chegado a um excessivo grau de decadência para assim despresarmos a nossa nobilíssima categoria de descendentes dum povo de navegadores. Nem sequer sabemos ser filho de peixe — nada nadamos! Lançam-se o Gonçalo Velho e o Vouga à água tal-qualmente como vieram do estaleiro; mas a nós não nos é permitido o mesmo consoante Deus nos deu e a natureza nos criou. Demais, a pudicícia própria e a alheia não são já salvaguardadas com o «maillot»? Em Tonga basta uma tanga.

---

Vejam vocês aqui a simplicidade encantadora com que a encantadora Maureen O' Sullivan — essa inquieta madrugadora das selvas — faz exercícios de ginástica respiratória com o precioso auxílio do vigoroso Weissmuller — êsse primitivo gênio das ditas. Vêde como se diverte e passa o seu verão êsse sádio par do Tarzan proclamando a alegria de viver e de amar o ar livre, o despreocupado regresso enfim à natureza eternamente fresca, eternamente moça!

Weissmuller nada e Maureen rema. Ponde aqui os vossos olhinhos míopes, minhas flores de estufa, e comparai com a vida artificial, inexpressiva, monótona, charra e chatinha das nossas praias desde a Costa do Sol — tão mal aproveitado! — à Costa das Rosas — descoloridas e murchas.... Enquanto nessas paragens da América se vive queimando a pele ao sol e enchendo os pulmões de iodo, cá o snr. Affonso Lopes Vieira vai continuando a fazer versinhos às ondinas — que fino!

Há dias fui à Foz, ao Molhe: que «tristeza oceânica»! Elas — preciosas, êles — parvos. Apenas uma doce rapariga inglesa distraída e contente, era digna da espuma traquina das ondas daquele mar transparente e azul, socegado e feliz, que babava de rendas o corpo rijo e moreno dos rochedos.

Então, à imagem das fotografias que tinha visto na redacção, tive ganas de parafrear uma velha cantiga que nos meus tempos de catraio muito se cantava:

Ó Sullivan!..... van!..... van!.....  
Ó Sullivan!.....

---

l u í s g u e d e s

---

Fot. M-G-M



AQUI, QUEM REMA, É O WEISSMULLER

# ASSEMBLEIA GERAL

---

Como estava previsto, obtive o maior êxito a nossa ideia de apelar para os leitores, solicitando-lhes a escolha, em última instância, da mais curiosa e mais interessante artista de cinema.

As Assembleias Gerais convocam-se para tomar decisões. A nossa — já o explicamos no último número — reuniu e não resolveu coisa nenhuma, pois cada um dos presentes elegeu nome diferente, obtendo-se, conseqüentemente, no apuramento final, sete estrêlas com um voto cada uma. Os leitores, chamados a dar o seu parecer, concorreram em grande quantidade a transmitir-nos a sua opinião. As inúmeras cartas recebidas conteem votos para tôdas as candidatas mas, apesar disso, afigura-se-nos que a maioria ainda se não pronunciou. A votação surge-nos com singularidades desconcertantes. Imagine-se que são as artistas mais queridas do público, e nas quais era lógico que recaísse a preferência geral, as que menos votos alcançaram. Concluimos daqui, com a agudeza de inteligência que nos distingue, que aqueles que mais obrigação possuíam de se manifestar ficaram mudos e encolhidos. Lá que emudescessem, vá! Podia-se atribuir à comoção. Mas que se encolhessem... — francamente, achamos estranho e impróprio de cinéfilos portugueses.

Tudo isto nos traz muitíssimo desgostosos.

O Alves Costa, por exemplo, anda desolado. Puzera tôda a esperança no triunfo de Lilian Harvey. Pois, esta artista, apesar de todos os rapazes em Portugal se terem apaixonado por ela, apenas conseguiu reunir umas escassas dezenas de votos. De onde infere o nosso camarada que o grôso do partido lilianista se absteve lamentavelmente de concorrer às urnas. Os dois Alexandres — o Médicis e o de Serpa — que são altos e magros, parecem, agora que uma densa tristeza lhes ensombra a face, dois melancólicos ciprestes... Ambos contavam com a vitória das suas candidatas, respectivamente Marlène e Brigitte Helm, mas estas senhoras encontram-se ainda muito distantes do triunfo. Só o Vasco Rodrigues, que é anti-democrata e portanto inimigo do sufrágio, se apresenta relativamente satisfeito e jura que nem a abstenção total dos admiradores de Kate de Nagy conseguiria demovê-lo da sua opinião. Vantagens de repudiar o critério das maiores...

Ora, tratando-se de eleger a artista de cinema mais interessante, esta abstenção é um crime. Em primeiro lugar pelo desinteresse que revela, e depois porque o que se pretendia era exactamente que a escolhida fôsse entronizada pelo maior número possível de votos para que representasse fielmente a vontade da maioria dos leitores. Desta forma, desde que essa maioria se não manifeste, é claro que o resultado não exprime absolutamente nada.

Considerai, qualquer que seja o vosso partido, lilianistas, marlenistas, helmistas, que cada voto que deixais de nos enviar é um voto que fica indirectamente em beneficio das outras. Haveis vós de consentir, cinéfilos sem entranhas, semelhante sacrilégio? Achais bem que pelo vosso comodismo, pela vossa inércia, pela vossa falta de coragem, o cetro vá parar a outras mãos que não sejam as de aquela por quem o vosso coração palpita? Que admiradores dessas estrêlas sois vós que não lhes sacrificais o esforço de preencher um simples postal, onde vos seria fácil e doce escrever o nome predilecto? Que significa, senhores cinéfilos, esta indecorosa atitude? Não se vos finjem as faces de vergonha? De duas uma: ou finjem ou não a tendes.

Mandai-nos, portanto, os vossos votos. Mas depressa — para que no próximo número possamos relatar o apuramento final.

É claro que podeis indicar um nome qualquer, fora das sete escolhidas por nós. Se a vossa preferida é Greta Garbo, Silvia Sidney, Clara Bow, Marta Eggert, Janet Gaynor, ou qualquer outra, dizei-o. O que nós queremos é que vocês indiquem a artista de que gostam mais entre todas e não apenas entre aquelas sete em que nós votamos e cujos retratos publicamos no numero anterior.

Existe ainda outra razão para vos decidir e que, por sêr talvez o mais importante para vós, deixamos propositadamente para o fim.

O resultado do concurso será transmitido à artista vencedora. Encarregar-nos-emos de levar até junto dela a noticia da vossa escolha e assim esta eleição ganhará o significado de uma homenagem pessoal dos leitores do «Movimento». Não se trata já, portanto, de indicar apenas a vossa preferência, mas de contribuir para uma verdadeira consagração.

Nestas circunstancias necessitamos evidentemente de conhecer a opinião de todos os nossos leitores. Umhas dezenas ou mesmo uma ou duas centenas, não chegam. É preciso que sejam «todos»!

Basta um simples postal. Assiná-lo-eis com o vosso próprio nome ou com um pseudónimo, não importa! O que é indispensável é que o voto chegue às nossas mãos.

Pensai só nisto: — não vos seria muito agradável saber que era a vossa preferida quem recebia essa homenagem?

Vamos, não percam tempo — escrevam-nos!

---

v a s c o   r o d r i g u e s

---

# CONCURSO

---

Apesar de tudo, ha quem não tenha ainda compreendido as bases do concurso que a nossa revista iniciou de acôrdo com a gerência do São João-Cine. Já é boa vontade!

Mas emfim, insistimos a ver se conseguimos que todos aqueles que desejam concorrer fiquem de uma vez para sempre sem dúvidas. Ora muito bem.

Os concorrentes possuem já nas suas cadernetas os seguintes sêlos:

Na primeira página, referente ao filme «O azul do Céu» dois sêlos, tendo um a fotografia de Marta Eggerth e outro a fotografia de Ernest Verebes.

Na segunda página, referente ao filme «A aranha» possuem os nossos concorrentes um sêlo com a fotografia de Edmund Lowe e outro com a fotografia de Lois Moran.

Na terceira página, sêlos com as fotografias de Claudette Colbert e H. Marshall, referentemente ao filme «Os Segredos de uma Secretária» ou então, sêlos com as fotografias de Silvia Sidney e G. Raimond, em referência ao filme «Damas do Presidio».

Na quarta página, possuem fotografias de Marie Glory e Noël-Noël, ou Clive Brook e Miriam Hopkins, conforme viram «As irmãs de Celestina» ou «24 horas».

Vamos agora tentar marcar passo a passo a marcha do concurso, durante a quinzena em que se encontra à venda o presente número de MOVIMENTO, e em que devem ser preenchidas as últimas duas páginas das cadernetas do nosso concurso.

Ora muito bem. Na semana a começar em 28 de Agosto e a terminar portanto em 3 de Setembro, serão distribuidos no São João sêlos com as fotografias de Liane Haid, ou Trutte von Mollo.

É necessário, claramente, colar este sêlo na página 5 da caderneta, acompanhando-o respectivamente ou com a foto de Gustav Froelich ou com a de Ludwig Carl Diesler que o presente número publica.

Na semana seguinte, de 4 a 10 de Setembro, será distribuido o sêlo com Jean Murat e que vai para a página 6, juntamente com a Daniele Parolla que o Movimento publica. É quando acaba o concurso.

Compreendido? OS PRÊMIOS:

## PRIMEIRO PRÊMIO

QUINZE DIAS EM LISBÔA, NUM HOTEL DE 1.<sup>a</sup> CLASSE, COM TÔDAS AS DESPEZAS PAGAS, INCLUINDO VIAGENS, ALMÔÇO E JANTAR NO RÁPIDO E BILHETES DE CINEMA TÔDAS AS NOITES.

## 20 SEGUNDOS PRÊMIOS

AOS PRIMEIROS 20 CONCORRENTES QUE APRESENTEM A SOLUÇÃO EXACTA, DAREMOS UMA ASSINATURA ANUAL DA NOSSA REVISTA, SENDO ESTA ASSINATURA ABSOLUTAMENTE GRATUÍTA E GOSANDO DE TÔDAS AS VANTAGENS DAS ASSINATURAS A PAGAR.

## O PRÊMIO DE CONSOLAÇÃO

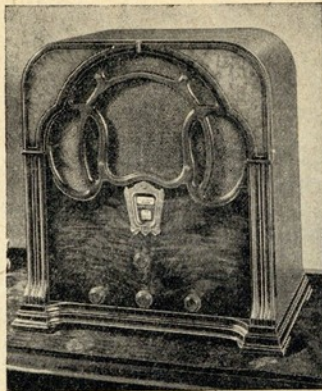
COMO PRÊMIO DE CONSOLAÇÃO DAREMOS A TODOS OS CONCORRENTES QUE COMPLETEM O CONCURSO UMA ENTRADA GRATUÍTA PARA O CINEMA SÃO JOÃO.

«MOVIMENTO» NECESSITA CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E AGRADECE AOS INTERESSADOS QUE SE PONHAM EM COMUNICAÇÃO DIRECTA COM A REDACÇÃO.

---

# R Á D I O

---



Continuando com as considerações que fizemos no nosso número passado, vamos referir-nos hoje às características de um dos mais modernos modelos de receptor da conhecida marca Crosley cuja fábrica The Crosley Rádio Corporation de Cincinnati, Ohio, é representada entre nós pela Casa Forte.

Referimo-nos ao modelo Secretary, que a nossa gravura representa e que, aliados ao seu bom acabamento exterior e aspecto decorativo possui as seguintes características:

## **Amplificação Classe B**

Esta característica permite um enorme volume de som, sem distorção ou excesso de esforço para o alto-falante.

## **Controle de estática, manual**

Esta central permite afinar o receptor, de modo a obter um equilíbrio perfeito entre o nível da estática e a potência da estação.

Com este melhoramento importante consegue-se obter uma sintonização absolutamente silenciosa entre todas as estações eliminando quasi em absoluto os incômodos

## **Controle automático de som**

Esta novíssima característica serve para contrabalançar o «fading» ou desvanecimento da estação e o excesso de volume das estações locais, a sintonização de uma estação para outra, permitindo, além disso, uma recepção de volume de som uniforme em todo o quadrante.

## **Medidor de sintonia**

Desapareceram as dúvidas sobre a exactidão da sintonia.

O pequeno indicador situado sobre o quadrante selector indica com a máxima exactidão quando o receptor se encontra em perfeita sintonia com a estação.

## **Novos tipos de lâmpadas**

As 10 lâmpadas empregadas neste receptor são as mais modernas lâmpadas AC Heater de 2  $\frac{1}{2}$  voltios e marcam em absoluto um grande avanço.

Estas lâmpadas permitem uma recepção perfeita e uma qualidade de som, alcance e selectividade absolutamente insuperáveis.

Além disso o seu consumo de energia é mínimo.

## **Controle de sons**

O controle de som neste aparelho não tem soluções de continuidade. É absolutamente permanente, permitindo um ajuste perfeito quer das notas mais graves, quer das notas mais agudas.

## **Dois alto-falantes**

O modelo que descrevemos está equipado com dois alto-falantes trabalhando simultaneamente.

Estes alto falantes electro-dinâmicos destinam-se um às notas graves, outro às notas agudas, permitindo ao mesmo tempo um som mais límpido, mais potente e mais harmónico.

Uma demonstração destas características é feita, gratuitamente, na Casa Forte, a quem assim o deseje.

---

# ESTAÇÃO DE SERVIÇO

## SAEA DE ESPERA

Devo agradecer, a todos aquelles que nos têm escrito, as palavras de amizade, de elogio e de incitamento com que nos encorajam a seguir de passo firme pelo caminho que vamos abrindo e que nem sempre é de fácil e cómodo acesso.

Ha quem nos queira mal. Ha quem nos tenha inveja. Sabemos isso. E temos sinceramente pena d'esses, porque o mal que nos desejam — não sabemos bem porquê se ha espaço para todos — e a inveja com que nos olham, só servem para os colocar muito abaixo de nós e numa posição ridícula...

Mas as provas continuas de carinho, de simpatia e de amizade que recebemos dia a dia daqueles que nos leem — e que nada nos devem — sensibilizam-nos extremamente e para esses, com cujo apoio contamos em absoluto, reservamos um reconhecimento sincero e sem limites.

No mês de Agosto passaram três datas, hoje quasi esquecidas, mas que trazem tristes recordações. Em 28 de Agosto de 1920, morre em França, vítima dum acidente de automóvel, a actriz Suzanne Grandais, que contava 27 anos apenas e era um dos mais valiosos elementos do cinema francês. Em 23 de Agosto de 1926, morre, na América, Rudolfo Valentino, esse actor que extranhamente conquistou o mundo inteiro como depois jámais ninguém conseguiu. Em 26 de Agosto de 1930 morre, em Los Angeles, o actor Lon Chaney.

Mas lá dizia Tuscull: «Estque finis miseriae in morte...»

## EXPEDIENTE

E. DIONYSIUS MIRANDA — Você não volte mais a dirigir as suas cartas ao Administrador, quando sejam destinadas a esta secção. Senão, arranja um sarilho dos diabos... Também compartilho da sua simpatia e admiração por Norma Shearer, que é de facto, uma excelente artista. Só é pena ela estar tão longe... Se Você deseja utilizar-se do «Apartado n.º 13», não tem mais do que comunicar-me que deseja entrar em relações com qualquer das pessoas que por lá aparecem e dar-me a sua direcção para eu lhe enviar qualquer carta que, depois, venha a ser-lhe dirigida.

DOUGLAS FAZ... BANCOS — Pois é verdade meu caro, as recentes disposições proibitivas que regulamentam o «despidismo» à beira-mar, vieram estragar toda aquela campanha em que ha tempos andei empenhado... Paciência. Felicito-o por não «ligar meia» a essas patéticas a que se refere, procurando para si um máximo de prazer num máximo de liberdade. Faz Você muitissimo bem. O Alexandre Serpa, novo colaborador de *Movimento*, é justamente a pessoa que o meu amigo conhece. Transmitti-lhe as suas felicitações, que ele agradece penhorado. Obrigado pela sua carta. Dê-me sempre noticias suas.

O PRÍNCIPE NEGRO — Então Você ainda não me conhece? Eu sou o Amok... toda a gente o sabe... O meu caro senhor, eu sei lá qual é a artista preferida pelos cinéfilos do

norte!!!... Por cá gostam de todas, mais ou menos... Registo o seu voto. Andamos tratando de arranjar descontos em alguns cinemas de Lisboa, esteja descansado. Mas vamos devagarinho... E apareça sempre que queira.

ANIBAL SAMPAIO — Ena! Que entusiasmo pela Kate de Nagy!... O Vasco Rodrigues ficou todo contente com a sua carta e agradece-lhe o abraço.

CINÉFILO DOS 4 COSTADOS — Seja bem aparecido. A principio não o reconheci mas depois lembrei-me perfeitamente da sua primeira carta. Para evitar esses dissabores de que se queixa, quando for ao Odéon compre balcão. Tenho ido para lá muitas vezes e nunca fui incomodado. É pena realmente que os americanos obriguem certos actores a standardizarem num género. Em parte sou da sua opinião. Você acha que a Jean Harlow é assim uma mulher muito provocante? Bem se vê que não conhece a nossa vizinha do 2.º andar do prédio fronteiro...

Sou da sua opinião sobre o Rivoli. Se me tivessem deixado votar na Assembleia Geral, teria escolhido a Beatriz Costa. C'os diabos, preferíamos produtos portugueses...

ANTÓNIO RUIVAL — Agradecemos muitissimo a sua carta e a sua oferta, mas é-nos impossível ser-lhe agradável o que lamentamos.

SALES FERREIRA — Ficamos-lhe muito gratos pela sua carta, mas é-nos impossível aceitar o seu amável oferecimento. A Direcção pede-me que apresente ao amigo e camarada, cumprimentos de simpatia.

FRANCISCO N. DA SILVA — Não podemos publicar o seu soneto mas para o amigo não ficar triste vamos enviá-lo a Ana Maria.

MONTEIRO FERREIRA — Recebemos o seu artigo, o que agradecemos, mas lamentamos não poder ser-lhe agradável publicando-o. O assunto é pouco oportuno e... só aceitamos colaboração solicitada. Queira desculpar-nos e continue sendo nosso amigo.

CHARLES BOYER — Folgo que esteja de acordo comigo a respeito do filme «O Faroleiro». O protagonista se não erro, era Henry Baur. Registamos o seu voto. Obrigadinho.

## APARTADO N.º 13

DOUGLAS FAZ... BANCOS — (Lisboa). Este senhor participa que nada tem que ver com outros «Douglas Faz... bancos» que tem aparecido nas secções de correspondência de certas revistas lisboetas.

O PRÍNCIPE NEGRO (Lisboa). — Deseja trocar correspondência com leitoras de *Movimento*.

E. D. MIRANDA (Pôrto) — Esta senhora deseja saber se o «Príncipe de Pickfair» gosta da Joan Crawford e da Greta... Garbo, antes de se decidir a corresponder-se com elle.





Melhor do que a Florelle  
só a tinta a água

## MURALINE

MÁRIO COSTA & C.<sup>DA</sup>, L.<sup>DA</sup>  
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º  
TELEFONE, 2571 ————— PORTO

No seu próprio interesse  
porque

**TEATRO  
AVENIDA**  
COIMBRA  
30 % NA MATINÉE  
DE 3 DE SETEMBRO  
— DE 1933 —

**TEATRO  
AVEIRENSE**  
AVEIRO  
30 % NA MATINÉE  
DE 3 DE SETEMBRO  
— DE 1933 —

**TIVOLI**  
COIMBRA  
30 % NA MATINÉE  
DE 3 DE SETEMBRO  
— DE 1933 —

**TEATRO  
AVENIDA**  
COIMBRA  
30 % NA MATINÉE  
DE 10 DE SETEMBRO  
— DE 1933 —

**TIVOLI**  
COIMBRA  
30 % NA MATINÉE  
DE 10 DE SETEMBRO  
— DE 1933 —

**TEATRO  
AVEIRENSE**  
AVEIRO  
30 % NA MATINÉE  
DE 10 DE SETEMBRO  
— DE 1933 —

**SÃO JOÃO**  
PORTO  
50 % NA MATINÉE  
DE 31 DE AGOSTO  
— DE 1933 —  
2 ENTRADAS

**SÃO JOÃO**  
PORTO  
50 % NA MATINÉE  
DE 7 DE SETEMBRO  
— DE 1933 —  
2 ENTRADAS

**SÃO JOÃO**  
PORTO  
50 % NA MATINÉE  
DE 14 DE SETEMBRO  
— DE 1933 —  
2 ENTRADAS

**5**  
**movimento**



CARL LUDWIG DIESSLER



GUSTAV FROELICH



DANIELE PAROLA

capa, comp. e imp. da  
tip. costa carrega  
tr. passos riachuel, 27  
p o r t o

propriedade de  
armando e armando

6 num. — 9\$000  
12 " — 18\$000  
avulso 1\$500

administrador e editor: armando barros

redacção e administração: rua elisio de melo, 28-sala 4-pôrto  
êste número foi visado pela comissão de censura

**No seu próprio interesse**

**porque**

**comprará BOM**

**e**

**comprará BARATO**

**visite**

# O LEÃO DAS MALHAS

**R U A F O R M O S A , 2 7 5**

---

movimento \_\_\_\_\_ número 5  
quinzenário cinematográfico \_\_\_\_\_ 1 de setembro  
1 9 3 3

capa, comp. e imp. da

tip. costa carregal

fr. passos manoel, 27

p ô r t o

propriedade de

armando e armando

assinaturas:

6 núm. — 9\$00

12 .. — 18\$00

avulso 1\$50

\_\_\_\_\_ administrador e editor: armando barros \_\_\_\_\_

redacção e administração: rua elisio de melo, 28 - sala 4 - pôrto

este número foi visado pela comissão de censura

---

**TU** que és cinéfilo, se desejas  
cultivar-te e aprender  
fixa estas palavras:

## **EDITORIAL MOVIMENTO**

---

**Editorial Movimento é uma nova  
secção da nossa revista que se  
destina à publicação de pequenos  
cadernos de elucidação cinematográfica.**

**Em Outubro sairá o**

**PRIMEIRO CADERNO DE ELU-  
CIDAÇÃO CINEMATOGRAFICA**

**contendo**

**Cinema Português**

**por Alves Costa**

**A nova teoria da juventude**

**por Fernando Barros**

Esta publicação será feita por inscrição,  
saindo os cadernos mensalmente.

Pede um boletim de ins-  
crição e as condições.